



DE: JUNIOR BELLÉ

PARA: JULIEN PIERRE



ASSUNTO: FEAR AND LOATHING ON THE ROAD

Olá, Julien. Como estão as coisas?

Compadre, desculpe a demora. Gostaria de ter escrito antes, como prometi a você quando deixei o Chile e voltei ao Brasil, mas me tornei mais uma engrenagem proletária da rotina cosmopolita, operário da informação que faz as boas novas voarem mais rápidas que as andorinhas do sul. Nunca é tarde para lembrar de um amigo, e de repente você está na ponta dos meus dedos enquanto, através deles, minha história escolhe os verbos nesta carta para você. A gente se fala pouco, mas sei que moro em algum lugar aconchegante das suas boas memórias. Porque, meu velho, ainda levo muito da sua sinceridade no coração.

Como vai a Fabiola? Ela me enviou uma mensagem esses dias dizendo que vocês não estão mais morando juntos, mas que seguem apaixonados. Talvez esse seja um dos poucos imperativos de vida com que me deparei, afinal, vocês já estavam apaixonados naquele janeiro de 2007, quando nós três dividimos apartamento por essas paragens de Santiago. Foi lá que percebi que estava ao lado de grandes amigos. Quando voltei para o Brasil, perdemos contato pela primeira vez. A gente bobou, de verdade, não é sempre que cruzamos

com pessoas especiais, tem que estar atento, estas coisas marcam a vida. Trocamos dois ou três e-mails e nada mais.

Nunca esqueci daquelas noites nas esquinas de La Quinta, quando a gente bebia e bebia, e quando a gente ouvia Sabina e a boemia, e passava horas discutindo Bakunin, com o vinho barato no copo e ouvindo Sabina, e bebendo, e discutindo Bakunin, e mais vinho enchendo o copo toda terça em Bella Vista para La Noche de Sabina, e bebendo a boemia, e discutindo com o Sabina o barato Bakunin. Por isso em mim, compadre, em mim havia uma certeza quando joguei o dedo pro sul e caí na estrada naquele março de 2008. Eu sabia que chegaria até vocês. E chegaria mais forte, Julien, mais convicto e feliz.

Mas te escrevo porque, da última vez que nos falamos de frente, olho no olho, antes de você fechar a porta daquele mesmo apartamento e colocar o verdadeiro ponto final na minha solitária aventura caroneira, você me pediu que te enviasse uma carta contando como cheguei até vocês assim, mais forte, mais convicto e feliz.

Não esqueço que depois de passar mais de um mês

viajando por aí, sem grana ou expectativas, caroneando pelo sul e levando o passado como bússola, foi seu o último abraço, o último adeus. E isso foi importante pra mim, cara, isso foi realmente importante.

Agora chegou a hora de te escrever esta história. Ela voa entre Ponta Grossa e Santiago em cada quilômetro por onde tudo aconteceu, pelos caminhos que asfaltaram a história de um rapaz, ainda jovem de 23 anos com uma mochila nas costas, R\$300 no bolso e o dedo apontado para o sul, por onde iam e vinham minhas esperanças de desbravar as vielas e entrecantos desse jovem de 23 anos com uma mochila nas costas, R\$300 no bolso e o dedo apontado para o sul.

Acho que o verdadeiro significado daquela viagem ensandecida começou a ficar mais claro quando ainda estava em Joinville, tentando chegar a Florianópolis no mesmo dia. Aquela foi uma tarde difícil, compadre. Ainda sinto como se fosse hoje, estava debaixo de um sol truculento, ao lado de uma rodovia impiedosa. Era apenas o segundo dia e pela BR101 eu só conseguia pensar:

“Que merda eu to fazendo aqui?”



O negócio é que, apesar do poeta que você conheceu, do companheiro que encontrou para desbravar em incursões étlicas as rimas dos versejadores da sua França, apesar de Baudelaire e Rimbaud, meu velho, cursei jornalismo, e mesmo sendo do time dos românticos, depois de quatro anos de universidade eu tinha um diploma na parede e muitas náuseas. Da do mundo, da porcaria da profissão que fui me apaixonar, da máquina de

moer sonhos que a vida se tornou. Isso sempre acontece com caras assim, um pouco ortodoxos, ranzinhas aos 23 anos, desanuviando o sol de seus corações num dia nublado de um looooooooooongo outono. Como algumas tardes escuras que vivemos aí, daquelas que fazem o branco dos Andes sombrear.

Talvez o que tenha me levado para uma viagem tão solitária e introspectiva, com grana para algumas migalhas e movendo-me, por método e necessidade, apenas carona, mochila no lombo como o destino estradeiro, foi essa maravilhosa náusea, a expectativa de balançar pra lá e pra cá naquelas curvas e montanhas até encontrar no meu mapa a reta mais tranquila. Também pra vomitar no mundo uma certa angústia, o asfalto e a solidão como meu antiácido radical, pois ainda nauseado me vi em Joinville, cara, no acostamento da 101 e com o dedo apontando para o sul, pra onde eu vou e de onde sempre volto.

Nas costas, vinte quilos e meio de incertezas e tranqueiras socadas numa Trilhas & Rumos verde, de 70 litros, que já se provara ser um de meus maiores enganos. Não pela mochila, que era resistente e confortável, mas pelo peso das

inutilidades que empilhei nela.

Tome nota.

Equipamento de camping: inútil, exceto pela barraca e a lanterna a dínamo que você ficou encantado quando descobriu que não precisava de pilhas. Nada de três livros de trezentas páginas: Como Me Tornei Estúpido, de Martin Page, é suficiente para te convencer da sua estupidez e persistir nela. Além do mais, ninguém precisa de várias mudas de roupa, três dariam conta, por mais que você tente se manter limpo, numa viagem como essa uma ducha por dia é luxo. De qualquer forma, você está sempre fedendo, a roupa, o corpo, a alma. Encare os fatos, quando se está sozinho num deserto asfaltado e moderno como a 101, e a água de seu cantil ferveu junto com sua esperança, então, compadre, só resta sua alma para evaporar.

Eu lembro muito bem quando a minha começou a evaporar



Tentando a primeira carona. Foto tirada pelo desentor.

Foi em 16 de abril de 2008, dia que definitivamente decidi levar o “Projeto Raul Do Quê?” para a estrada. Nos primeiros meses, o “Raul Do Quê?” era apenas um plano absurdo da mente alucinada de um amigo chamado Rodolfo. Lembra quando te contei sobre um sujeito que, bêbado após intermináveis horas de discussão filosófica no bar onde costumávamos nos encontrar, simplesmente se levantou, dirigiu-se até a sala de jogos, tirou o pau pra fora e mijou na mesa de sinuca? Esse é o Rodolfo. Foram quatro anos ao lado desse trôpego genial e, no fim das contas, o cara escreveu um livro reportagem chamado De Carona: Sentido Sul.

Era o trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a viagem que fez de Ponta Grossa, no Paraná, até o Chuí, todo de carona e com poucos caraminguás no bolso. O negócio é que ele se empolgou com o lance e queria um parceiro para uma empreitada maior, uma viagem até o Chile, talvez até a Venezuela. Uma viagem que durante uma brisa de maconha ele resolveu chamar de “Raul Do Quê?”, justa homenagem ao mestre Raoul Duke.

Mas eu só queria paz, compadre. Havia lido Hunter Thompson demais para me tornar gonzo, fumado pelo menos cinco becks por dia nos últimos 10 meses por conta de um maldito e interminável livro que escrevia naqueles idos, e tinha acabado de tomar um pé na bunda doído demais da garota que acariciou meu coração por quatro anos, da garota que seria a mãe de meus filhos, a avó de meus netos e meu inferninho semanal. Puta que o pariu, era foda pra caralho.

Naquele momento, cara, eu estava sozinho com a 101, e o Rodolfo distante muitos quilômetros ao norte, nas saias da vagabunda que convenceu o desertor a ficar. E aquela garota, compadre, aquela garota ainda me quis de volta, disse que me esperaria mas que o seu eterno era relativo, que me

amava, mas eu precisava entender o quanto o tempo era impiedoso.

O que ela não sabia é que os ponteiros do meu tempo já giravam alto no peito naquela tarde. Eu ainda me acostumava com os caminhões que passavam lufando e as bofetadas de ar quente e seco que restam do vento. O negócio é que quando se está na estrada, sobrevivendo de doses homeopaticamente grotescas de solidariedade, cada carona, cada golpe de sorte, um a um dos breves avanços que asfaltam o horizonte, tornam-se a mais sincera oração aos deuses bêbados e chapados do coração dos destemidos e dos impertinentes. Do nosso coração, meu velho. São esses filhos da puta que te dizem pra continuar porque aquilo é muito louco e vale a pena. E eu sabia disso, só estava cansado do último dia com toda aquela tensão, aquele clima de adeus e uma saudade ardente da rotina e do conhecido.

Além do mais, o Rodolfo me acompanhou na primeira carona. Acordamos cedo naquela manhã, devia ser umas 8h e o calor já estava forte em Ponta Grossa, leste do Paraná, onde tudo começou. Pegamos dois ônibus até desembarcarmos no acostamento da 376, que leva até Curitiba.

Era a primeira e única página de Rodolfo no “Raul Do Quê?” e aquilo deixava o clima de despedida ainda mais dramático.

Levamos duas horas até conseguir a carona. Houve um momento que nos separamos, talvez sozinhos as chances aumentassem, e foi nessa hora que Seu Alceu parou aquele Golzinho verde na minha frente. A sorte foi que aquele senhor topou um segundo caroneiro e Rodolfo embarcou também. Compadre, aquilo foi um presente do destino, uma carona apenas, juntos em uma carona apenas, mas juntos, como deveria ter sido.

Rodolfo desembarcou em Curitiba e eu segui em frente, pude então enxergar nos olhos de perdão de um amigo o arrependimento prematuro daqueles que viram as costas para um parágrafo intenso da vida. Tudo por um amor, a porra de um amor, e o amor é sempre uma péssima escolha quando se tem vinte e poucos anos. Mas a Fabiola é uma garota incrível, cara, é uma exceção que confirma a regra. Se não fosse por ela, aquelas horas no miocárdio da 101 teriam sido muito mais difíceis. Foi ela quem me apresentou o charme boêmio de Sabina, e muitas vezes ao lado daquela rodovia eu tentava responder quando ele cantava...

...“¿Quién me ha robado el mes de abril?”

Eu passaria todo aquele abril na estrada e Sabina me fazia pensar sobre o que os amigos estariam fazendo mais ao norte, sobre as festas das quais eu não participaria, um abril todo em que as minhas histórias, por mais intensas que fossem, não teriam a beleza de seren compartilhadas, ninguém, além de mim, as carregaria nas ideias.

Quando cheguei em Joinville já era noite, Cristiano parou seu Mercedinho compacto e vermelho, lotado com os cilindros de oxigênio que abasteceriam hospitais da região. Desci na maior cidade de Santa Catarina que, segundo o cara, fica à esquerda, logo depois da primeira chuva.

Dormi muito bem na casa de uma prima que não via há quase uma década e foi estranho encontrá-la casada, com filhos, marido e uma vida estável. Pra falar a verdade, tinha poucas recordações dela e talvez por isso fiquei apenas uma noite em Joinville. Saí logo depois do almoço, quando o sol estava ficando raivoso. Era outono, os raios despencavam sem pena lá de cima de um céu azul e sem nuvens, a cada minuto eu podia sentir o asfalto da 101 derretendo mais e mais a borracha de meu All-Star velho.

Após três horas no acostamento ainda tinha o dedo apontando para o sul. De repente, uma Saveiro branca, que vinha a uns 160km por hora lá do horizonte daquela imensa reta da 101, começou a diminuir até breicar, uns 500 metros ao norte. Era um rapaz jovem que acenava para que eu me aproximasse.

“E aí, amigo, indo pra onde?”, perguntei.

“Balneário, mas o carro está cheio, não sei se cabe você”, disse já abrindo a porta do carona e mostrando quatro caixas sobre ele. “Se não fosse tua mochila, rolava”, eu e meu malfadado, imprescindível e pesado fardo.

“Infelizmente não posso deixar ela por aqui, ela não vive sem mim, sabe como é?!”.

Ele riu, coçou a barba rala e tentou encontrar uma solução, “rapaz, difícil viu, você está aqui há muito tempo?”.

“Talvez umas três horas, desisti de contar depois disso”, engolir o pessimismo e jogar com a simpatia, compadre, às vezes funciona.

E funcionou. Abrimos as quatro caixas de papelão recheadas de cookies que a transportadora de Ricardo leva pelos três estados do sul, empilhamos os biscoitos atrás do banco e as caixas ficaram

dobradas entre a marcha e meu banco. Quando sentei, alguns cookies ruíram e os pacotes gemeram, a mochila ficou no meu colo, em diagonal do joelho até o queixo, e seguimos rumo a Balneário comprimidos como os ingredientes de um comprimido relaxante. Porque, com certeza, aquilo era muito mais relaxante que o acostamento da 101.

Ricardo é um sujeito interessante, curitibano e tarado por velocidade, especialmente quando está sobre a moto turbinada que sempre empresta do irmão nos rotineiros momentos em que é preciso esquecer os problemas nos ponteiros do velocímetro. Eu sei, Julien, a gente costumava zoar esses caras que medem a macheza em km/h e o inchaço dos colhões nos decibéis dos pneus cantando. Não pense que esse ato isolado mudou minha percepção rude de que estes sujeitos têm carências sexuais graves, mas foi um deles quem me deu carona, cara, depois de três horas foi um deles quem me deu carona.

Na verdade, o cara só parou porque lembrou de um grande amigo de infância que agora está nos Estados Unidos. O tal amigo viajou até a América Central, um pedaço no dedo e outro numa moto meia-boca, e contou pro Ricardo como cada carona

foi importante, como cada metro avançado era um desafio para a sanidade. Foram essas palavras, vindas da lembrança de um amigo distante, que tocaram Ricardo e fizeram com que apertasse o freio e me deixasse entrar.

Estas sincronicidades me levam a crer que há, entre os loucos e os viajantes, uma conexão aurática que nos protege. Não conversamos muito, eu e Ricardo, ambos viveram tempo demais na capital do Paraná para saber que o silêncio é o discurso mais importante entre dois desconhecidos.

Ainda que sejam os desconhecidos de agora

Eu esperava encontrar um novo desconhecido em Florianópolis. Fazia uns cinco anos, talvez mais, que não via meu primeiro amigo, Pedro Sinhori, que não escutava sua fala arrastada e o jeito tranquilo que lhe forjou o apelido de Marmota.

Tínhamos apenas quatro anos de idade quando nos conhecemos, éramos vizinhos de quintal e estudávamos na mesma escola, uma verticalidade católica no sudoeste do Paraná. Hoje o cara já é advogado, mas quando estive lá ele ainda estava cursando Direito na Universidade Federal de Santa Catarina. Lembro que o Pedro pareceu um pouco espantado quando respondeu minha mensagem falando sobre o “Raul Do Quê?” e perguntando a respeito de pouso na sua casa.

Só que as viagens e o destino partilham um mérito, a imprevisibilidade. Para chegar até Pedro tive de esperar por quase seis horas num posto de gasolina onde vi o sol cair, lá para os lados do pampa, e de onde pensei que nunca mais sairia.

Aquele posto tinha tudo que era necessário para uma aproximação cordial: cafeteria numa loja de

Thank You for previewing this eBook

You can read the full version of this eBook in different formats:

- HTML (Free /Available to everyone)
- PDF / TXT (Available to V.I.P. members. Free Standard members can access up to 5 PDF/TXT eBooks per month each month)
- Epub & Mobipocket (Exclusive to V.I.P. members)

To download this full book, simply select the format you desire below

